

# Lima Vaz e Merleau-Ponty: olhares não adversos acerca do corpo próprio como busca de resposta

Vagner Moreira da Silva<sup>1</sup>

## Resumo

A enigmática frase – “conhece-te a ti mesmo” – presente no templo de Delfos se imortaliza atravessando os tempos como interrogação para todo ser pensante. A densidade do aforismo grego parece resumir todas as questões pertinentes ao homem que se dispõe a pensar acerca dele mesmo nos momentos dramáticos e incertos da vida. Igualmente nos instantes felizes em que o homem parece sentir intimamente irradiar de suas entranhas o ardor de sua realização total no-mundo-com-os-outros. Ou, ainda, quando ele se debruça perscrutando sobre a origem do mundo e sentido possível da história. Na penumbra desses momentos, antevemos o anseio de realização do homem. Ou a busca dele compreender não somente a origem do mundo, um telos para história e um sentido de ser para os dramas vividos e sentidos por ele. É, pois, o desejo dele ser pleno que suscita tais tentativas de compreensão. Ou em outras palavras, é o anseio de realização do homem que o impulsiona a compreender a si mesmo, o mundo e a história. É ele, o homem, tentando ser o que ele ainda não é totalmente. E mesmo parecendo impossível, nem por isto, ele se exime uma vez na vida da possibilidade de tentar ser total. Ora, esta parece ser uma das maiores tarefas suscitada para o homem, em quase todos os tempos, pela máxima “conhece-te a ti mesmo”. E tal desafio poderá prescindir da análise e compreensão de seu corpo. Isto é, de se colocar em questão, o que consiste para ele ser o seu corpo como inúmeros filósofos o fizeram. Neste breve ensaio, porém, vejamos como Henrique Cláudio de Lima Vaz parece oferecer uma chave de compreensão, na qual, subtendemos a tentativa de resposta ao desejo de realização do homem pelo seu corpo. Baseando-nos na categoria de corpo próprio pensada pelo autor, por ora em questão, na obra de 1993 - *Antropologia Filosófica I* - 3ª ed. (pp.175-183). Por isso, seguiremos os passos do pensador jesuíta em sua exposição metodológica do corpo. A saber, a *pré-compreensão do corpo próprio*, a *compreensão explicativa do corpo próprio* e a *compreensão filosófica do corpo próprio* exposta por Lima Vaz no capítulo da obra mencionada. No segundo momento, brevemente, tentaremos fazer um paralelo da compreensão de Lima Vaz com o pensador Maurice Merleau-Ponty na obra de 1945 – *Fenomenologia da Percepção* – São Paulo: Martins Fontes, 2011. Ora, um e outro autor, ao analisar e descrever o corpo e os modos diversos dele ser abordado e adverso igualmente, nos darão impressões da ir-redução do corpo e, portanto, da abertura expressa por ele. Mesmo, como veremos, tendo pontos de partida diferente, Lima Vaz e Merleau-Ponty, erguem-se frente os riscos de

---

<sup>1</sup> Bacharel (2009) e licenciado (2013) em Filosofia pela PUC- Minas. Especialista (2014) em Filosofia Contemporânea e em Ética (2016) também pela PUC- Minas. Especialista em Intervenção Psicossocial no Contexto das Políticas Públicas (2016) pela UNA. Graduado em Teologia (2012) pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Nesta mesma Instituição, Mestrando em Filosofia, linha de pesquisa: Ética. Contato eletrônico: vagnermoreirdasilva@yahoo.com.br Tel. (31) 995306272.

reduzir o corpo. E a redução dele, equivale à destituição da busca de sentido. Ou, da tentativa do homem de se tornar ele mesmo o que ele tende a ser.

**Palavras chave:** *corpo próprio, realização, redução, ir-redução;*

### **1 A inquietação das inquietações**

Quem eu sou? De onde vim e para aonde vou? Estas interrogações parecem simples e desprovidas de sentidos. São perguntas que o homem se coloca ou que brotam de seu íntimo no cotidiano da vida. Elas igualmente emergem repentinamente em rodas de conversas entre amigos que, brincando, entretém e de súbito um dos presentes como uma das questões – *Quem eu sou? Para aonde vou?* Estão presentes em falas de poetas ou de peças de teatro. E em inúmeras canções e romances escritos ou cantados. Em dramas narrados e nas novelas escritas ou transmitidas nos meios de comunicações. Com os intentos, porém, de se entreter ou de se amarrar um discurso e também de se pretender à atenção de um ouvinte a emergência das interrogações mencionadas exprimem a tentativa do homem se conhecer e se realizar conhecendo-se. Podendo ser resumidas, em um só tempo, na enigmática frase “conhece-te a ti mesmo” que se revela como a interrogação de todas as interrogações, já que desloca o homem para tentativa crítica de se conhecer e realizar-se.

A tentativa de conhecer-se sob a qual se subtende a possibilidade de realização do homem poderá partir da compreensão do seu corpo. O corpo que, em instantes diferentes, foi pensado e compreendido conforme as circunstâncias de cada tempo. Ora, se a tentativa de se compreender o corpo é um fato histórico, por inúmeras maneiras de se analisar e descrever ele, a história da reflexão sobre o corpo parece sinalizar a ir-redução e abertura dele. E na penumbra da historicidade da reflexão do corpo parece haver, de outra maneira, a desejo do homem de conhece-se a si mesmo. Que, se sob a abordagem desancorada do mundo ou isolada das relações, tende a forjar a compreensão da sociedade cujos corpos encontram-se como átomos isolados. Na qual vale a decisão, enquanto capacidade de escolha ou mesmo efetivação desta capacidade, de cada um a partir de si mesmo. Ou de uma sociedade de corpos imperfeitos, orientados formas pré-existentes capazes de garantir a perfeição idealizada. É o que, também, parece descrever Maurice Merleau-Ponty na obra de 1945. Fato que parece distanciar a sua exposição

fenomênica do corpo próprio da que se segue metodológica de Henrique Cláudio de Lima Vaz.

### **1.1 A dúvida em questão na sombra da exposição do corpo em Lima Vaz**

Lima Vaz destaca que a reflexão em torno do corpo não é uma novidade entre os autores modernos e, nem tampouco, entre os contemporâneos. Ao contrário, “atravessa toda a história das culturas, das civilizações, das religiões, das filosofias e passou a ser um tema dominante na filosofia e nas ciências humanas contemporâneas”<sup>2</sup>. O que faz da interrogação sobre o corpo uma questão cara e clássica da filosofia. De outra maneira, é tentativa humana de se responder o intento contínuo de realização do homem. O filósofo jesuíta, por ora em questão, elabora a sua reflexão em torno do corpo em três momentos: *Pré-compreensão do corpo próprio*, *Compreensão explicativa do corpo próprio* e *Compreensão filosófica ou transcendental do corpo próprio*. Nossa exposição tentará seguir a didática expositiva de Henrique Cláudio de Lima Vaz no fragmento da obra de 1993 - *Antropologia Filosófica I* - 3ª ed. (pp.175-183).

**(I)** - *Pré-compreensão do corpo próprio*. Aborda-se o corpo enquanto totalidade física e biológica. E o corpo como totalidade intencional. Neste primeiro momento, a distinção do corpo do homem, exposta por Lima Vaz, diferencia o corpo pensado pela biologia e corpo dotado de intencionalidade expressiva. A partir da qual se “pode falar de um Eu corporal, o que não é o caso para o corpo físico ou o da biologia, estes dois casos últimos, o corpo é *Körper* como distingue a língua alemã e o primeiro *Leib*”<sup>3</sup>. Essa *Pré-compreensão* parece pressupor não o homem de imediato pelo seu corpo. E sim enquanto uma totalidade somada à outra. **(II)** - *Compreensão explicativa do corpo próprio*. A exposição explicativa sobre o corpo aponta o autor, “[...] o olhar metodológico do conhecimento científico como tal hodierno e as regras epistemológicas que se assume”<sup>4</sup>. Ou seja, a metodologia e o conhecimento científico aqui em questão, que são bases da compreensão explicativa, “[...] caracteriza-se pelo advento de uma nova forma de Razão [...], herdeira da razão grega e a ela oposta. [...], a essa nova forma de Razão corresponde uma

---

<sup>2</sup>(VAZ, 1993, p.175).

<sup>3</sup>(VAZ, 1993, p.176).

<sup>4</sup>(VAZ, 1993, p.178).

nova imagem do homem”<sup>5</sup>. O corpo sob o desejo explicativo é tomado em sua materialidade disjuntiva. O autor sinaliza o risco de objetivação do corpo.

O homem adquire um conhecimento científico do corpo, *objetivado* seguindo o conceito de leis de um saber empírico-formal. [...] Que situam o homem no *tempo* e no *espaço* do mundo em três ordens de grandeza. 1. Grandeza de *tempo longo*, segundo o qual o corpo é pensado dentro de leis gerais de evolução da vida [...]; 2. Grandeza de *tempo curto*, segundo a qual o corpo é pensado de acordo com as leis de sua *gênese* individual e da sua formação [...]. 3. A grandeza *estrutural*, segundo a qual o corpo é pensado de acordo com as leis de sua organização e função, ou organismo<sup>6</sup>.

Isto equivale a explicar o corpo do homem ora por uma ordem e, por outro instante, por outra ordem. E não em cor-relação vital sinérgica de suas estruturas e dimensões. O intento explicativo, aqui, parece não perceber o dado intencional enlaçando uma grandeza a outra em só gole. Por isso, o filósofo questiona a abordagem explicativa. Mas, não se posicionando diretamente sobre a possibilidade de enlaçamento das estruturas de uma só vez, como será a posição de Merleau-Ponty. **(III) - Compreensão filosófica ou transcendental do corpo.** Assumindo as duas exposições do corpo, como momentos possíveis do corpo se revelar e ser abordado, mas não se fechando sob uma e outra já que ele parece ainda expor novidades. Partindo-se destas novidades, ao longo da história, que se pode plasmar história crítica do corpo. “Se percorrermos a história das concepções de homem, veremos que um dos fios contínuos que a orientam é o problema do *corpo*, que surge como primeiro enigma para o homem que se volta para a compreensão de si mesmo”<sup>7</sup>. As novidades percebidas atravessam culturas, a história, civilizações, contextos e expressões artísticas religiosas. Assim como descreve o filósofo.

1. A versão *religiosa*, da qual a mais célebre expressão na cultura ocidental é o dualismo órfico-pitagórico ao qual sucedem, nos fins da antiguidade, os dualismos gnóstico e maniqueísta; 2. Versão *filosófica*, que conhece formas diversas como o dualismo platônico em alguns Diálogos de maturidade e, na filosofia moderna, o dualismo cartesiano. 3. Versão *bíblico-cristã*, que implica uma desontologização da oposição alma-corpo e sua transposição numa perspectiva moral e soteriológica; 4. Versão *científica* moderna, na qual a dualidade alma-corpo é explicada segundo esquemas reducionistas<sup>8</sup>.

Parecendo ser uma verdadeira exposição histórica do desejo de resposta humana a interrogação das interrogações prescindindo do seu corpo.

---

<sup>5</sup>(VAZ, 1988. p. 161).

<sup>6</sup>(VAZ, 1993, p.179).

<sup>7</sup>(VAZ, 1993, p.179).

<sup>8</sup>(VAZ, 1993, p.180).

De outra maneira, perguntaram-se e continuamos a nos perguntar: Em que consiste ser-corpo?

Pode-se sim ou não o homem assumir-se pelo seu corpo como instância primeira de sua realização? É, em última instância, a questão radical acerca do homem como sendo a possibilidade de sua realização que subjaz a preocupação filosófica do corpo. Por isto, o pensador jesuíta realiza um elenco histórico do fato.

### **1.1.1 A Possível diferença de Limas Vaz a Merleau-Ponty acerca do corpo**

Ao elencar as três maneiras possíveis de se compreender o corpo, Lima Vaz expõe sistematicamente três compreensões possíveis sobre o corpo. Ele sinaliza às claras na sua sistematização possíveis inconvenientes. Entre as quais, dois nos parecem mais pertinentes. Primeiro, é a nossa propensão de pensarmos a problemática do corpo desancorada das vicissitudes históricas do Ocidente, como nos parece acontecer nos tempos hodiernos. O segundo relaciona-se ao primeiro, desponha-se na compreensão do corpo sem se destacar o dado da intencionalidade que permite falar de um eu corporal. Dado a partir do qual o homem acessa o mundo modificando-o e a si mesmo igualmente. Ora, pois, é a intencionalidade incorporada que orienta o homem para fora de si sem que ele deixe de ser, ele mesmo, o seu corpo aberto no mundo assumindo-se e distendendo-se. Ressaltamos, porém, que a intencionalidade apresentada pelo filósofo no fragmento da obra não é percebida como dado percebido de imediato pelo corpo. Ou seja, incorporada e revelada pelo corpo em sua imediatez. E sim, do corpo enquanto uma totalidade que somada à outra. O que parece distanciar a análise filosófica de Lima Vaz sobre o corpo da fenomênica de Merleau-Ponty.

Embora não sendo nosso intento esboçar, neste breve ensaio, os sentidos possíveis em autores diversos ao longo da história da filosofia, entende-se que é a intencionalidade que habilita ao homem a interrogar e buscar o sentido de sua realização. E já entre os escolásticos, entendia-se *intentio* como um esboço ou projeto em que já se antevê o sentido que se buscava. “A intenção é um projeto, o esboço interior de uma ação futura e,

portanto, um ato da vontade”<sup>9</sup>. Tal perspectiva é a base para responsabilizar, em grau menor, o sujeito que intenciona a cometer um ato mesmo que não o cometa de fato. Segue-se, assim, a compreensão moral segundo a qual, a *intenção vale o ato*. A intenção como esboço parece ser antevista incorporada na descrição do corpo próprio de Merleau-Ponty. O que não parece tão claro na exposição sistemática do pensador jesuíta. Cujas reflexões, porém, não percebemos a redução do corpo.

A interrogação filosófica se dirige à oposição ou à tensão que se estabelece entre o sujeito que pergunta a partir de sua identidade como sujeito interrogante, e o corpo enquanto *corpo-objeto*, vem a ser, compreendido na objetividade do mundo. Essa posição se estabelece segundo duas direções do estar-no-mundo pelo corpo: a direção que aponta para o mundo dos objetos ou das coisas onde o corpo situa o homem e o submete às leis gerais da natureza; e a direção que aponta para interioridade do sujeito, segundo a qual o corpo é assumido no âmbito propriamente humano da intencionalidade e se torna o *corpo próprio*. Essa posição, pois, manifesta de um lado a possibilidade de coisificação do corpo; e, de outro a possibilidade de sua espiritualização. Entre esses dois extremos deve-se delinear o corpo próprio como polo imediato da presença do homem no mundo [...]<sup>10</sup>.

O filósofo jesuíta propõe a compreensão filosófica do corpo próprio como terceiro momento de sua crítica diante da possibilidade de objetivá-lo. Ou seja, de se coisificar o corpo. Sobretudo pelos recortes possíveis sob os quais se pode sujeitá-lo. Ou pela destituição dele do mundo, no qual primeiramente o homem está imerso e incrustrado pelo seu corpo e aberto igualmente. O corpo coisificado não há de ser o corpo que interroga sobre si e o mundo buscando o sentido de ser no mundo como possibilidade de sua realização. Dado que, em Merleau-Ponty, parece costurar todas as dimensões e estruturas do corpo em um só golpe. Revelando-nos uma perspectiva de intencionalidade incorporada pela qual o corpo próprio parece ser o homem buscando continuamente a sua realização. Quer dizer, a realização incorporada-no-mundo-com-os-outros. Ou um vir-a-ser pelo corpo próprio sem deixar de s

## **2 O corpo-próprio de Maurice Merleau-Ponty**

O filósofo francês, Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), na obra *Fenomenologia da Percepção* (1945), recoloca em discussão o estatuto do corpo próprio. Ou seja, o sentido de ser-corpo. Reacendendo a preocupação

---

<sup>9</sup>(MURALT, 1998, 63).

<sup>10</sup>(VAZ, 1993, p.180).

acerca do corpo, sobretudo após René Descartes e Edmund Husserl<sup>11</sup>. O corpo cartesiano é compreendido a maneira disjuntiva e, portanto, objetiva Merleau-Ponty. “A definição do objeto é a de que ele existe ‘partes extra partes’ e que, por conseguinte, só admite entre suas partes ou entre si mesmo e os outros objetos a relações exteriores e mecânicas, [...]”<sup>12</sup>. O corpo cartesiano é pensado e não sentido e vivido. A interação dos órgãos e sentidos do corpo é pensada, analogicamente, tal como a interação das peças de uma máquina. “Considerava-me inicialmente como provido de rosto, mãos, braços e toda essa máquina composta de ossos e carne, tal como ela aparece em um cadáver, a qual eu designava pelo nome de corpo”<sup>13</sup>. Tendo a natureza diferente da alma. “De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e mais fácil de conhecer do que ele, e, ainda que este nada fosse ela não deixaria de ser o que é”<sup>14</sup>.

Percebendo a incidência da lida cartesiana disjuntiva que toca o sentido de ser-corpo e de toda a forma de vida, Edmundo Husserl (1859- 1938) aponta uma crise da racionalidade. Ora, se a razão assume exclusivamente o caráter operacional, a instrumentalização do corpo bem como do mundo no qual ele a priori está encrustado serão fatos inevitáveis. Segundo Maurice Merleau-Ponty, “Husserl descreve a crise já nos estudos publicados por volta de 1900-1905, colocando em relevo o valor e a pretensão da ciência. A crise se instaura com matematização dos estudos psicológicos, sociológicos e históricos”<sup>15</sup>. Por conseguinte, “nestas condições, o corpo vivo não pode escapar às determinações que eram as únicas que faziam do objeto um objeto, e sem as quais ele não teria lugar no sistema da experiência”<sup>16</sup>. Discorrendo-se dos

---

<sup>11</sup>Maurice Merleau-Ponty desenvolve sua fenomenologia do corpo-próprio retomando ao mundo antes vivido e sentido pelo corpo mesmo de imediato. “Retornar às coisas mesmas é retornar ao mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata [...]” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.4). Quem realiza este retorno é o corpo próprio, pois, em um só golpe: “Engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito-encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 252).

<sup>12</sup>(PF. 2011, p.111). Segue-se a abreviação da citação da obra de 1945. Tradução do francês para o português da língua brasileira, portanto, *Fenomenologia da Percepção*. (4. ed). São Paulo: Martins Fontes, 2011. Outras obras do mesmo autor que poderão ser utilizadas aqui ser utilizadas não serão abreviadas.

<sup>13</sup>(DESCARTES, 1973, p.101).

<sup>14</sup>(DESCARTES, 1973, p.55).

<sup>15</sup>(MERLEAU-PONTY, 1990, p.151).

<sup>16</sup>(PF. 2011, p.87).

inconvenientes em curso, Merleau-Ponty decide “retornar às coisas mesmas, ao mundo anterior ao conhecimento [...] do qual o conhecimento fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata [...]”<sup>17</sup>. Herança do mundo sujeito a instrumentalização repensado por Husserl e levado adiante por Merleau-Ponty. “A própria ciência emerge de algo anterior a ela mesma, do campo das experiências pré-científicas e pré-categorias, ou seja, de um a priori concreto que se chama de Lebenswelt ou de Lebensumwelt”<sup>18</sup>.

### **2.1 O corpo: A instância primeira de acesso à vida e expressão de sentido**

No mundo imediato da vida, de onde prescinde todo e qualquer saber, o corpo se encontra como “ponto zero”<sup>19</sup>. Como coisa espaço temporal ao redor do qual se agrupa um entorno que se estende sem limites continuamente. “Esse papel, mesmo com suas propriedades objetivas, com sua extensão no espaço, situado objetivamente em relação à coisa espacial que chamo de meu corpo, [...] não vivido de percepção, mas percebido”<sup>20</sup>. O corpo sobre o qual se debruça Merleau-Ponty não é, portanto, um conjunto de órgãos justapostos. E nem tão somente o corpo tão somente da biologia, sociologia e psicologia.

Eu não sou o resultado ou o entrecruzamento de múltiplas causalidades que determinam o meu corpo ou meu ‘psiquismo’, eu não posso pensar-me como parte do mundo, como simples objeto da biologia, da psicologia, da sociologia, nem fechar sobre mim o universo da ciência<sup>21</sup>.

Ele é a instância primeira de acesso ao mundo e a coisas em seus estados não objetificados “[...] o meu corpo não é meramente uma soma de órgãos justapostos, mas um sistema sinérgico do qual todas as funções são retomadas e ligadas, [...] é a figura mobilizadora da existência”<sup>22</sup>. Pelo qual em só golpe, suspendendo o formalismo “[...] engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito-encarnado, e essa vida nas coisas não tem nada de comum com a construção dos objetos científicos”<sup>23</sup>. Não me percebendo senão desta maneira abruptamente em só instante por ele no-mundo. “As diferentes partes do meu corpo – seus aspectos visuais, táteis e

---

<sup>17</sup>(PF. 2011, p.4).

<sup>18</sup>(HUSSERL, 1996, p.42).

<sup>19</sup>(HUSSERL, 1994, p. 52).

<sup>20</sup>(HUSSERL, 2006, p. 87).

<sup>21</sup>(FP., 2011, p. 3).

<sup>22</sup>(FP. 2011, p.314).

<sup>23</sup>(FP. 2011, p. 252).



motores – não são simultaneamente coordenadas. Não reúno as partes de meu corpo uma a uma. Elas são o meu próprio corpo”<sup>24</sup>. É sob a orientação da *epoché* revisada por Merleau-Ponty, no discorrer de uma das mãos pela outra, que melhor percebemos a experiência donativa do corpo próprio exposta por ele. Ora, se por uma pausa, nos permitirmos uma de nossas mãos tocar a outra, podemos nos surpreender com certa sensação singular e vital incorporada. A saber, aperceber sendo nós mesmos o nosso próprio corpo.

Aquele que toca e que reconhece o rugoso ou liso não põe seus elementos nem as relações entre esses elementos, não os pensa de um lado ao outro. Quem toca e apalpa não é a consciência, é a mão é, como diz Kant, ‘um cérebro exterior do homem’. [...]. Correlativamente, enquanto sujeito do tato, não posso gabar-me de estar em toda a parte e em parte alguma, aqui não posso esquecer que é através de meu corpo que vou ao mundo, a experiência tátil se faz ‘adiante’ de mim e não é centrada em mim. Não sou eu que toco; enquanto toco não penso um diverso, minhas mãos encontram um certo estilo que faz parte de sua possibilidade motora, e é isso que se quer dizer quando se fala de um campo: perceptivo: só posso tocar eficazmente se o fenômeno encontra um eco em mim, se ele concorda com certa natureza de minha consciência, se o órgão que vem ao seu encontro está sincronizado com ele. A unidade e identidade do fenômeno tátil não se realizam por uma síntese de reconhecimento no conceito, elas estão fundadas na unidade e na identidade do corpo enquanto sinérgico<sup>25</sup>.

É, por esta experiência sentida e vivida, portanto, prescindida do corpo mesmo que o homem se apercebe sendo ele o seu corpo próprio. Como “o meio geral de nosso acesso ao mundo”<sup>26</sup> e o eixo do qual se irradiam os sentidos para suas ações e delas.

Em suma, meu corpo não é apenas um objeto entre outros, um complexo de qualidades entre outro, ele é um objeto sensível a todos outros, que ressoa para todos outros, vibra para todas as cores, e que fornece as palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual e as acolhe<sup>27</sup>.

Por isto, “ver-se-à que o corpo-próprio que se furta, na própria ciência, ao tratamento que a ele se quer impor”<sup>28</sup>. Para além de se pensar a relação do corpo com o mundo, ele “[...] está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o inteiramente, forma com ele um sistema”<sup>29</sup>. Ele é o nó crítico, expressivo e expresso ou comunicativo e comunicador. É o eixo em que podemos antever os sentidos das ações realizadas por ele, nele e com ele.

---

<sup>24</sup>(FP. 2011, p. 207).

<sup>25</sup>(FP. 2011, p. 424).

<sup>26</sup>(FP.2011, p.203).

<sup>27</sup>(FP. 2011, p. 317).

<sup>28</sup>(FP. p.110).

<sup>29</sup>(FP. 2011, p.273).

Meu corpo é o lugar, ou antes a própria atualidade do fenômeno de expressão (*Ausdruck*), nele a experiência visual e a auditiva, por exemplo, são pregnantes uma da outra e seu valor expressivo funda a unidade ante-predicativa do mundo percebido e, através dela a expressão verbal (*Darstellung*) e a significação intelectual (*Bedeutung*)<sup>30</sup>.

Logo: “Não tenho outro modo de conhecer o meu corpo senão vivendo. Retomando por minha conta o drama que o transpassa confundindo-me com ele ou como esboço provisório de meu ser total”<sup>31</sup>.

### **2.1.1 Proximidades e distanciamentos possíveis entre as abordagens**

Lima Vaz realiza, em momentos reflexivos, um levantamento sobre a abordagem do corpo no desenrolar da história. Apontando, por sua vez, a questão do corpo relacionada com a busca de sentido. E não deixa de apontar os perigos hodiernos de se reduzir o corpo sob uma orientação racionalista propensa a pensar o corpo fora do mundo ou no mundo. Este, porém, como realidade dividida onde os corpos também são explicados a maneira disjuntiva. Mas, ao colocar a questão do corpo em momentos, o filósofo jesuíta parece ainda orientar sua reflexão prescindindo do dado racional e não do corpo na imediatez corporal. Por isto, a intencionalidade sobre a qual ele reflete ainda se desponha como certa herança da consciência e não um fenômeno incorporado e expresso pelo corpo de imediato. Merleau-Ponty, ao contrário, repensando a *epoché decide* partir do corpo enrustado-no-mundo de imediato. E sob esta orientação o corpo descrito pelo filósofo da Sorbonne não é o corpo pensado. E sim vivido e sentido. Não é o corpo em terceira pessoa. E sim, nas pegadas de Merleau-Ponty, o meu-corpo-próprio que “furta ao tratamento que a ele se quer impor”<sup>32</sup>. Mantendo com o mundo uma relação não ordenada exclusivamente pela razão. Inversamente, “[...] ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o inteiramente, forma com ele um sistema”<sup>33</sup>. Sob a experiência do corpo vivida, sentida e assumida, Maurice Merleau-Ponty, afirma criticamente. “Não tenho outro modo de conhecer o meu corpo senão

---

<sup>30</sup>(FP. 2011, p. 315).

<sup>31</sup>(FP. 2011, p. 269).

<sup>32</sup>(FP. p.110).

<sup>33</sup>(FP. 2011, p.273).

vivendo. Retomando por minha conta o drama que o transpassa confundindo-me com ele ou como esboço provisório de meu ser total”<sup>34</sup>.

## 2.2 A busca de sentido pelo corpo em Lima Vaz e Merleau-Ponty

A busca de realização do homem, ou seja, a tentativa contínua se conhecer e ao mundo, embora nem sempre parecendo às claras no desenvolvimento de nossa civilização prescindindo diretamente do corpo, não é novidade filosófica de nenhum dos autores aqui mencionados. Todavia, recolocar a possibilidade de busca de sentido a partir do corpo reacende a possibilidade de redução do corpo que parece vicejante em abordagens variadas em nosso contexto hodierno. Sobre o qual as reflexões de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Maurice Merleau-Ponty tendem apontar caminhos para um humanismo de ordem diferente.

### Referências Bibliográficas

DESCARTES, R. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção os Pensadores).

HUSSERL, E. *A crise da humanidade européia e a filosofia*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. (Coleção Filosofia 41).

\_\_\_\_\_; *Ideais para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: Introdução geral à uma fenomenologia pura*. 6 ed. Aparecida, São Paulo: Ideia & Letras, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_; *Merleau-Ponty na Sorbonne: Resumos de Cursos Psicologia e Filosofia*. Campinas: São Paulo, Papirus, 1990.

MURALT, André. *A Metafísica do Fenômeno: As origens medievais e a elaboração do pensamento fenomenológico*. 1.ed. Editora 34. São Paulo: 1998.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Antropologia Filosófica*. (v.I). 3. ed. São Paulo: Loyola, 1993.

\_\_\_\_\_; *Escrito de Filosofia II: Ética e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1988.

---

<sup>34</sup>(FP. 2011, p. 269).